

# SANTA MARINHA

Santa Marinha, Virgem e Mártir, 18 de Julho

## Introdução

Apoiados no medievalista Pierre David, teremos na devida conta, dois factos importantes que nos ajudam a compreender (e a eleger) de forma aceitável e prudente, perante as dificuldades que encontramos (de difícil ou impossível solução), para determinar datas, lugares, vida e “passio”, difusão da devoção e iconografia de alguns santos mais antigos, neste caso o de uma Santa com tanta veneração no Norte de Portugal e na diocese do Porto.

Segundo o referido investigador e professor de Coimbra, até ao século VII, as igrejas paroquiais e catedrais não possuíam santo titular ou padroeiro. Só igrejas privadas e basílicas, fundadas com o fim de prestar culto especial a um mártir, procuravam obter as relíquias do santo titular da respectiva igreja.

A partir do século VII, todas as igrejas procuram estabelecer um santo padroeiro.

Os primeiros padroeiros são o Divino Salvador e Santa Maria, Mãe de Deus.

Depois, vinham os mártires, com excepção para S. Martinho de Tours.

Assim, quando os muçulmanos conquistaram a Espanha, já todas as igrejas teriam um santo padroeiro.

Santa Marinha (ou Margarida) ou Santas Marinhas?

Entre os padroeiros que oferecem algumas dúvidas quanto à sua existência histórica e dificuldades sobre uma correcta identificação, datação e uniformidade iconográfica, coloca-se Santa Marinha.

Porventura de origem oriental, cedo o seu culto se difundiu no Ocidente, talvez antes dos mártires da igreja latina.

A explicação pode encontrar-se na proibição de, no Ocidente, fraccionar os corpos dos mártires, o que terá levado os cristãos, ávidos de relíquias para as suas igrejas (para fomentar a devoção e a peregrinação), a procurá-las no Oriente.

Santa Marinha pode, por isso, ser vista em três versões.

A virgem e mártir de Antioquia, frequentemente confundida Santa Margarida (o que levou alguns a apresentá-la como sendo uma mesma santa) e da Bitínia; a segunda, com bastante implantação na Galiza e em Espanha, oriunda de Orense; a terceira uma das nove gémeas nascidas em Braga, por volta do século II (?). D. Rodrigo da Cunha, no século XVII, no seu Breviário, inscreveu a sua festa, em 18 de Julho. Mas há mais...

*Eu, Padre Tiago, aconselho a considerar o texto que se segue apenas como uma «santa» lenda, que mostra como antigamente se imaginava uma pessoa santa*

## **A Santa Marinha de Braga, Virgem e mártir, 18 de Julho**

Governava a cidade de Braga, pelo ano 120, um tal Lúcio Caio Atílio Severo e era casado com Cálcia. Cálcia, que era pagã, dera à luz nove filhas de um só ventre (Genebra, Vitória, Eufémia, Marinha, Marciana, Germana, Basília, Quitéria e Liberata). Aterrada com tal fenómeno, pediu à parteira para que as afogasse no rio Este. Como esta fosse cristã, pegou nas meninas e levou-as a S.to Ovídio, bispo de Braga (?) para que fossem baptizadas. As meninas, distribuídas por famílias cristãs, foram educadas até à idade da adolescência. O pai que, acabaria por reconhecê-las como filhas e fez tudo para que abjurassem a fé cristã e casassem com mancebos pagãos. Perante a renitência das gémeas, que tinham feito voto de virgindade, o pai irou-se, expulsando-as de casa. Acabaram por morrer todas mártires.

Não há qualquer documento, com valor histórico, sobre a vida desta santa. O Martirológio Romano faz a sua comemoração dela neste dia. Os Bolandistas (colaboradores dos jesuítas) afirmam que foi martirizada perto de Orense. O monge beneditino de Pombeiro, Fr. Bento da Ascensão, publicou em 1722 uma das mais interessantes criações da imaginação popular sobre hagiografia. Refere-se ele ao nascimento e vida de nove irmãs, das quais uma era Marinha.

O que seleccionamos e reproduzimos, vem publicado no Ano Cristão do Padre Croiset, S.J., traduzido e adaptado do francês pelo Padre Matos Soares, Vol VII. Tipografia Porto Médico. 1923. pp 250-254.

Para se subtrair às sátiras do mundo e à indignação de seu marido, Cálcia concebe a infernal resolução de mandar afogar as meninas, sem exceptuar nenhuma. Comunica o seu execrando projecto à única pessoa que lhe tinha assistido ao parto, Cita, a devota donzela e cristã oculta, depois de a obrigar a guardar o mais rigoroso segredo, e ordena-lhe que faça primeiro divulgar a notícia, de que ela tivera um infeliz insucesso no parto, e que, após o recolhimento da família, aproveitando o escuro da noite, saísse do paço e fosse mergulhar as nove meninas, num dos poços do rio Este.

Chegando ao conhecimento destas angélicas meninas o perigo a que tinham estado expostas, quem eram, e qual fora o seu admirável nascimento e a bárbara determinação de sua ímpia mãe, de entregá-las à morte em tempo que apenas entravam na vida, e do modo como Deus, pela sua Divina Providência, as livrara da morte, não só do corpo mas também da alma, por meio do sagrado Baptismo; em agradecimento de tão grandes benefícios, resolveram estas gloriosas virgens, estas santas irmãs, deixar de todo o mundo e habitar juntas na mesma casa, como em clausura, para assim melhor servirem e agradarem a Deus, resistirem com maior fortaleza aos seus inimigos, e crescerem mais na virtude e na castidade com os exemplos umas das outras...

Abrasadas estas santas meninas no fogo do amor divino, cada qual por si, e umas na presença das outras, fizeram todas voto de castidade, consagrando a sua virginal pureza àquele soberano Senhor, que as fizera nascer dum tão milagroso parto, e depois de nascidas as livrara da morte, que sua mãe lhes mandara dar, criando-as e sustentando-as até ali, com providência tão particular...

Esta foi a criação e a virtuosa vida destas nove irmãs, nos arrabaldes de Braga, onde viveram nove ou dez anos, e com tanta perfeição, como se já estivessem no céu... e finalmente todas cheias de fervorosos desejos de passarem a gozar da presença do seu Divino Esposo, por meio da ilustre palma do martírio, e para o conseguirem dirigiam ao céu fervorosas súplicas.

Estas foram atendidas e os seus desejos satisfeitos.

Foi por esta ocasião, que se levantou uma cruel e terrível perseguição renovando-se o cruel edito já principiado por Nero, cujo fim era extinguir totalmente do mundo o adorável nome de Jesus Cristo em Braga...

Logo que este decreto chegou às mãos do Régulo de Braga, mandou-o publicar em todas as cidades do seu domínio... dirigiram-se à casa onde viviam as nove irmãs, e encontrando esta santa comunidade de virgens, certificados de que elas eram cristãs, as levaram presas à presença do Régulo...

Com muita alegria caminhavam as santas meninas ansiosas por serem apresentadas no tribunal, para serem julgadas e sentenciadas pelo Régulo, seu pai.

Este, apesar de ainda as não reconhecer como suas filhas... lhes fez diferentes perguntas relativas à sua pátria, país e religião que professavam e se estavam resolvidas a dar comprimento ao que mandavam os Imperadores, adorando os deuses...

Santa Genebra tomou a palavra e respondeu em nome de todas: A nossa pátria, senhor, é a cidade de Braga; se desejais saber donde descendemos, podeis acreditar que nas nossas veias circula o sangue da principal nobreza desta província; pois que todas somos tuas filhas e de Cálcia tua consorte. Enquanto à religião que professamos sabe que todas adoramos Jesus Cristo, filho de Deus vivo, com quem nos desposamos pelo Baptismo; e que todas estamos resolvidas e prontas a dar o sangue das próprias veias pela confissão do seu santo nome, ainda à custa dos maiores tormentos... e concluiu dizendo: Aqui estamos na tua presença; dispõe de nós como melhor te parecer...

Não há termos com que se possa explicar a impressão que esta notícia produziu no coração do Régulo Bracarense...

Suspende logo o acto judicial, e manda retirar os ministros, ficando só com as meninas e com Cita, que as acompanhava.

Tira-lhes dos pulsos as algemas e conduzindo-as ao interior rio palácio, chama Cálcia, sua mulher, e conta-lhe tudo o que ouvira a Genebra.

Cálcia fica cheia de confusão e de medo...

Abraçam, uma por uma, as ternas meninas, cobrem-nas de beijos, empregam toda a autoridade e arte para as persuadir que, abjurando o Cristianismo, adorassem os ídolos...

Ponderou-lhes a alta qualidade dos seus ascendentes, a abundância das riquezas, o amor e desvelo com que procurariam, para cada uma dignos esposos...

Porém as nove meninas, com uma firmeza e constância inabalável, desprezaram todas as promessas, e permaneceram firmes na sua resolução.

Vendo o Régulo frustrados todos os esforços... encheu-se de indignação, e parecendo-lhe que acabariam com ameaças, o que não podiam as carícias paternas, começou a prometer martírios, jurando pelos seus deuses que lhes tiraria a vida, à força dos tormentos mais esquisitos...

Serenou Cálcia estas furiosas iras de Atílio, e conseguiu dele, a poder de rogos, que se lhes desse algum tempo para considerarem aquilo que deviam escolher, esperando que, como meninas, tomariam outra resolução... e de comum acordo as deixaram sós encerradas num dos salões do seu palácio.

Depois que seus pais se retiraram, as nove meninas, prostradas ante a presença do Altíssimo, lhe suplicaram com toda a candura de suas almas angélicas, que lhes inspirasse o modo como haviam de dirigir os seus passos no caminho da vida, e lhes desse constância e fortaleza,

para nunca anuírem a tão detestáveis proposições; nem temerem a morte, que por instantes as esperava.

As suas preces foram prontamente ouvidas e as fervorosas súplicas favoravelmente despachadas.

Lá por entre a escuridão da noite uma brilhante claridade vem iluminar aquela prisão; desce um anjo do Senhor, que vem confortar as suas fiéis esposas naquela tribulação, e, depois de lhes fazer conhecer o perigo, em que estão, de apóstatas da religião santa, lhes intima da parte de Deus a ordem de fugirem, quanto antes, daquela casa, e de seguir cada uma a direcção que o Senhor lhes inspirar.

O mesmo anjo, que lhes intimou a ordem do céu, lhes facilitou a saída do palácio, sem que alguém desse conta da ausência delas.

Caminharam todas juntas por algum tempo, por entre as trevas e silêncio da noite, até que assentaram entre si apartarem-se umas das outras, e antes de darem mutuamente o abraço da despedida, santa Liberata, levantando as mãos e os olhos ao céu, proferiu a seguinte súplica: Senhor meu Jesus Cristo, que permitistes, nascêssemos todas num dia, e, livrando-nos do trânsito da morte, nos destes nova vida da graça, pedimos-vos, Senhor, pela vossa divina misericórdia, e pelo eterno e incomparável amor com que nos amastes, sejais, meu Deus servido, levar-nos todas ao descanso eterno, e não consintais, meu bom Jesus, que se apartem do caminho da glória aquelas que tão unidas foram enquanto viveram na terra.

Todas com o mesmo espírito e com a mesma fé responderam: *Ámen*.

Deram os últimos abraços umas às outras, em sinal de recíproco amor, e como quem se despedia para se não tornar a ver na vida mortal, se despediram as angélicas meninas, dirigindo-se cada uma para onde o divino Esposo as encaminhou, e apesar dos esforços empregados pelo pai e pelos domésticos e vizinhos, que foram logo à procura delas, apenas puderam apanhar santa Quitéria, com algumas pessoas que a acompanhavam, todas as mais conseguiram evadir-se para diferentes terras.

Santa Marinha foi encaminhada pelo divino Espírito para a Galiza.

Ai, depois de ter servido a uma lavradeira perto da cidade de Orense, foi depois perseguida por ser cristã.

Primeiramente a açoitaram até lhe dilacerarem as carnes.

Em seguida foi descarnada com pentes de ferro.

Depois encarcerada numa escura masmorra, sendo aí visitada e curada por um anjo.

Queimaram-lhe depois as costas e os peitos com ferros em brasa, e prendendo-a de pés e mãos a lançaram num tanque de água donde saindo milagrosamente livre foi metida em uma fornalha embravecida com chamas, as quais, separando-se para os lados, nem sequer a tocaram levemente.

Foi por isso degolada em *Águas Santas*, perto da cidade de Orense, na Galiza, onde El-rei D. Afonso o Magno, mandou edificar numa igreja dedicada ao seu culto.

O culto de Santa Marinha está confirmado na Grécia, onde substituiu Artemisa, deusa da castidade, e entre os maronitas e arménios que o levaram para Veneza.

Na ilha da cidade de Paris, havia uma igreja, sob sua advocação, a mais pequena das paróquias parisienses, a do arcebispado.

Na diocese do Porto, no séc. XVII, Santa Marinha era orago de 10 paróquias (D. Rodrigo da Cunha), actualmente de 15 paróquias.

É patrona dos camponeses, das parturientes, das amas e invocada contra a infertilidade.

Iconografia profusa: Palma, Livro, Espada, Cruz, Martelo, Coroa e dupla coroa, pomba com coroa, Veste nobre

Representações: Unicórnio – castidade, virgindade (virgem), Veste de monge com o saco e/ou com menino, Cordeiro ou cordeiros e bastão (pastoreio), Monstro: dragão terrestre ou do mar, Anjo ou anjos, etc.

A análise das diferentes representações permitem a identificação do espaço iconográfico e as suas influências.

Algumas representações particulares:

Santa Marinha era representada com hábito de monge e um menino nu, nos braços. Na arte bizantina, empunha um martelo, com que golpeia o diabo que prendia pelos cabelos e vencida com o pé, com o bastão (a lança) ou a cruz. As miniaturas francesas mostram-na sobretudo entrando no convento com o pai ou nutrindo o seu pretenso filho.

Séc. XI: Fresco em São Vicente de Galiano.

Séc. XIII: Baixo-relevo, na igreja de Farnovo Taro, junto de Parma. Séc.

XIV: Francisco Volterra. Fresco do cemitério de Pisa. A santa está sentada às portas de um convento.

Séc. XVI: Frescos romenos de Balinesti (Moldávia). Santa Marinha bate no diabo com um martelo.